

E.M. Professor Sebastião Vayego de Carvalho

Av. Ver. Rubens Mazieiro, 100 – Ouro Fino Paulista – CEP: 09442-700

Fone:(11) 4822-3137 / 4827-0948

E-mail: emvayego@hotmail.com

DISCIPLINA: ARTE

SEMANA 32 - 25/10 a 29/10

NOME:	Nº:	SÉRIE: 6º ANO
PROFESSOR: Bruna Alves	CARGA HORÁRIA SEMANAL: 2 AULAS	
ENVIAR PARA: Google sala de aula.	DATA DE ENTREGA: 29/10	
OBJETOS DE CONHECIMENTO/CONTEÚDO: introdução Preto no branco: desenhos com o lápis grafite		
HABILIDADE(S): EF69AR01) Pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e em diferentes matrizes estéticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético; (EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.);		
ESTRATÉGIAS E RECURSOS: análise e apreciação		
ORIENTAÇÕES: Leia o texto proposto e realize a atividade proposta ao final da leitura.		

O lápis grafite é um excelente material para trabalhar o desenho e conhecer uma nova forma de enxergar o fazer artístico.



Femme Nue, Debout, de Dos, Tournée Vers la Droite EDGAR DEGAS (1834-1937)

Grande Sinagoga de Vilna LASAR SEGALL (1891-1957)

Sem título EDITH DERDYK

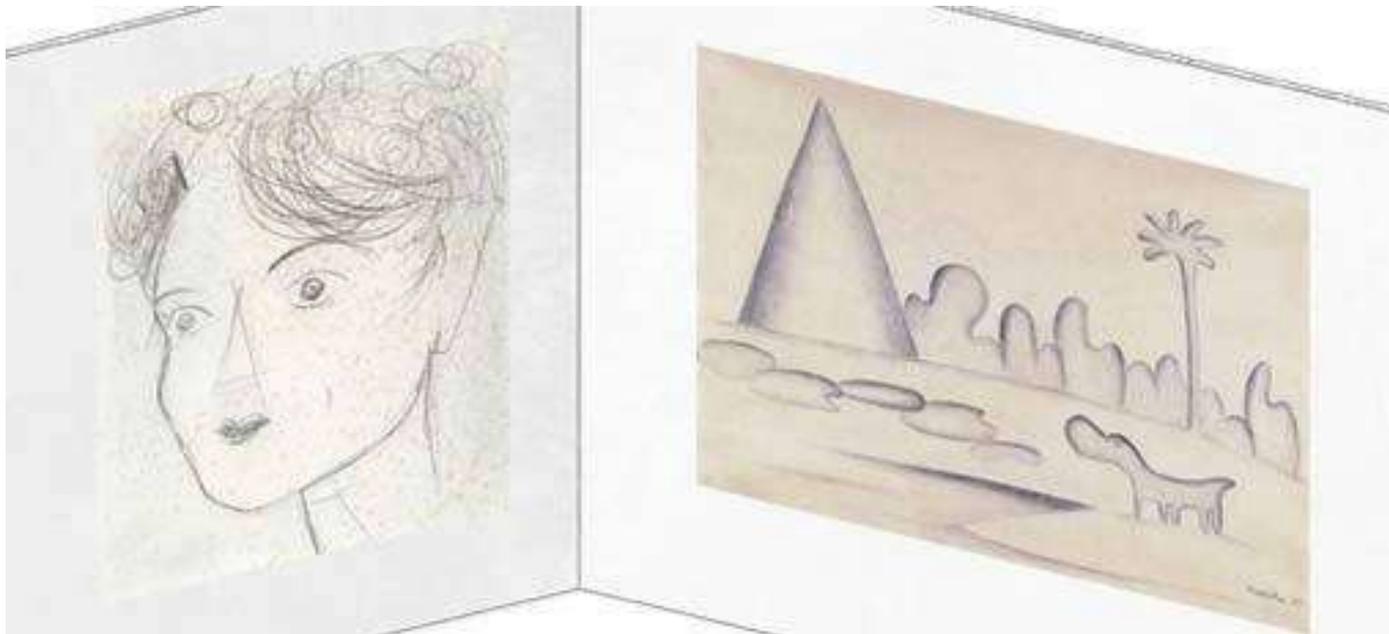
Imbaúba FRANCISCO FARIA

RMN (Musée D'Orsay) Thierry Le Mage/Acervo do Museu Lasar Segall - IBRAM Minc/Foto: Carlos Fadon/Divulgação - Ilustrações: Eduardo Nunes

O artista francês Henri Matisse (1869–1954), um dos mais importantes pintores do século 20, disse certa vez que um desenho pode ser intensamente colorido sem que seja necessário introduzir nele a cor. Sua citação pode parecer enigmática, mas se pensarmos que, ao observar uma obra feita com grafite, podemos encontrar diferentes tonalidades, o pensamento faz sentido. Esta aula nos proporciona a ideia de pensar em formas de diversificar e aprofundar o trabalho com desenho em sala, pois o grafite também é uma opção válida para desenhar e pintar e não somente para a escrita. O lápis grafite permite infinitas possibilidades de produzir diferentes tonalidades, texturas e linhas usando a mesma cor (alterando somente o modo de segurar o lápis e de pressioná-lo no papel). Sem falar que formas e profundidade são mais bem percebidas em preto e branco (e isso ajuda a apurar e definir melhor o jeito de olhar e analisar as imagens).

Obras de profissionais que ajudam a ampliar o repertório

Além de usar o lápis grafite para esboçar seus trabalhos, alguns artistas profissionais escolhem o material para compor a obra final. É o caso de Edgar Degas (1834–1937), Tarsila do Amaral (1886–1973), Matisse, Lasar Segall (1891–1957), Maurits Cornelis Escher (1898–1972), Candido Portinari (1903–1962), Edith Derdyk e Francisco Faria.



Cabeça de Criança CANDIDO PORTINARI (1903-1962)

Bicho com Triângulo TARSILA DO AMARAL (1886-1973)

Reprodução autorizada por João Candido Portinari Imagem do acervo Projeto Portinari/Tarsila do Amaral Empreendimentos Foto Base 7 Romulo Fialdini

Desenhar é uma maneira de reaperesentarm o que se vê

Vamos analisar algumas obras do Artista plástico Francisco Faria

<https://www.flickr.com/photos/franciscofaria/>

Francisco Faria (Curitiba, 1956) é um artista plástico brasileiro que se destaca por seus desenhos feitos com lápis grafite sobre papel, e também com instalações e projetos de criação de arte visual e poesia com a participação de poetas. Os desenhos, frequentemente em grandes dimensões, versam sobre estratégias gráficas e pictóricas do gênero da paisagem, notadamente da paisagem brasileira e da América Meridional.

Primeiros anos e descoberta do tema da paisagem

Francisco recebeu as primeiras noções de desenho aos 4 anos, no Núcleo Juvenil de Artes Plásticas de Curitiba, coordenado pelo pintor Guido Viaro. Na adolescência elege estudar arquitetura pelo vínculo com o desenho. Depois de completar a faculdade de Arquitetura, mostra seus primeiros desenhos artísticos em mostras públicas e recebe os prêmios de aquisição no Salão Paranaense (1982) e no Salão Nacional de Artes Plásticas (1983), e o prêmio de viagem para os EUA da Bienal de Santos (CCBEU- 1984). Em 1982, faz sua primeira exposição individual na sede da Fundação Cultural de Curitiba, com desenhos que articulam correlações entre a construção da linguagem, referências antropológicas e a representação da paisagem. Abandona a profissão de arquitetura e segue para New York, para aprofundar seus estudos de arte. Em NY descobre na paisagem brasileira um tema de interesse universal, e acompanha um grande ciclo de exposições de artistas barrocos do século XVII, como Claude Lorrain e Nicolas Poussin, entre outros, que determinaram a autonomia definitiva do gênero da paisagem nas artes plásticas. De volta ao Brasil em 1986, visita a Jureia, na região preservada da mata atlântica brasileira, momento que terá um impacto duradouro em sua carreira artística.

1986-2009: Primeiro ciclo artístico e início dos trabalhos interdisciplinares de arte e poesia

Em 1986, passa a integrar o grupo de artistas da Galeria Arco (São Paulo), de Bruno Musatti. Sua primeira individual na galeria, em 1987, apresenta os primeiros núcleos de desenhos das séries do [Cabaraquara](#) e [Hileias](#), que determinam o curso de seu trabalho posterior. Pela Arco, mostra na Feira Internacional de Arte de Colônia (1989), marco inicial da participação de galerias brasileiras em feiras internacionais de arte. Realiza sua primeira individual no exterior, na

Galeria do Brazilian-American Cultural Institut, em Washington (1º prêmio da Bolsa Fiat para Artes de São Paulo). Vive em Colônia, Estocolmo e Viena, retornando depois para NY. Participa de mostras em Colônia, Basel e Frankfurt pela Galeria Ulrich Gering, onde faz uma individual em 1991. Sobre este primeiro ciclo de trabalhos escreveu Paulo Herkenhoff, curador brasileiro:

“O desenhista Francisco Faria escolheu a paisagem como um tropo do pensamento visual. Seu sistema de laminação da imagem implica a práxis do desenho, as condições materiais do meio a agenciar a história do olho diante da paisagem. Retornando, em alguns projetos, a lugares visitados por viajantes estrangeiros do século XIX, Faria explora a mudança do paradigma do significante paisagístico na cultura contemporânea. [Seu] projeto para uma poética americana presente em seus desenhos, vem com um lastro teórico e histórico bem definido. Um olhar eurocêntrico projetado sobre a América foi sendo gradualmente polido nas fundações de um olhar americano. Não é a questão de simplesmente tomar o âmbito geográfico da América para além do nacionalismo, mas antes a de um deslocamento para um viés processo histórico. O artista sabe que permanecer à margem da História significa permanecer na fronteira do reino *produtivo* da cultura. Os ameríndios modificaram os europeus em um primeiro contato, e os negros introduziram valores pagãos e bárbaros no monumento barroco europeu na América. A contaminação gradualmente encontrou o seu caminho através dos capilares do tecido social, tecendo uma nova cultura, em um processo permanente. O Desenho fundamental de Faria, através dos olhos erráticos, lava a excentricidade como categoria. Francisco Faria não só reavalia a história da América, mas a história da cultura ocidental. Ele revisita aquela dúvida em confronto com o real: a paisagem tropical, nos versos americanos, não está em conformidade com os parâmetros de uma Arcádia européia.”

De volta ao Brasil, em 1992, inicia um trabalho conjunto com a poeta e tradutora Josely Vianna Baptista, um *work in progress* que já dura mais de duas décadas, associando artes plásticas e poesia (com mostras em espaços do Brasil e do exterior e livros editados no Brasil, Estados Unidos, México e Suécia), uma parceria dedicada à construção de um diálogo entre as culturas iberoamericanas e ameríndias e a uma dinâmica criativa entre essas culturas com o mundo natural que lhes dá substância. Realizam um primeiro trabalho conjunto, associando artes plásticas e poesia ([Corpografia](#), SP, Iluminuras, 1992).

Passa a viver com Josely em Curitiba e São Paulo, realizando o segundo trabalho conjunto, a mostra [Os poros flóridos](#). Participa das Bienais Internacionais de São Paulo e de Havana (1994) e da primeira exposição de desenho brasileiro na China, no Yan Huang Art Museum de Beijing (1995). Ainda em 1995, monta o projeto *Os poros flóridos* no Instituto Wifredo Lam, em Havana, em parceria com Josely e com curadoria de Magda Gonzáles-Mora e Eugenio Valdéz Figueroa. Em 1996 integra a exposição *Form und Funktion der Zeichnung Heute*, no Kunstverein de Frankfurt, com os 100 mais destacados desenhistas da década, com curadoria de Peter Weiermair. Realiza várias individuais em São Paulo, Curitiba e Florianópolis.

Em 1997 nasce Pedro Jerônimo, filho seu e de Josely, e passam a morar no interior do Paraná. Em 2001 recebe com Josely e com o tradutor Chris Daniels um prêmio do Creative Work Fund de San Francisco em apoio à edição de [On the shining screen of the eyelids](#) nos EUA, um projeto baseado no seu trabalho conjunto *Os poros flóridos*.

Entre 2004 e 2005, desenvolve com Josely o projeto [Moradas nômades](#) (com uma sala *Fímbrias*, com a poesia de Luis Dolhnikoff) que ganha duas grandes mostras individuais, no Museu Oscar Niemeyer de Curitiba e no Instituto Tomie Ohtake de São Paulo. Com o fim da Galeria Arco, passa a trabalhar com a Galeria Virgilio, de São Paulo, expondo individualmente, em [abril/maio de 2007](#), os primeiros desenhos das séries dos [Grandes mares](#), [Segundo rio](#) e [Paisagem vaga](#), o ápice de seu primeiro ciclo artístico. Ainda em 2007 é lançado [Sol sobre nuvens](#) (São Paulo, Perspectiva, Col. Signos, apresentado pelo poeta Augusto de Campos), que reúne grande parte do trabalho desenvolvido com Josely.

Em 2008 muda-se com a família para Florianópolis, e inicia seu trabalho com a produção de Regina Pinho. Em novembro de 2008, [uma mostra](#) com cerca de 40 de seus desenhos é realizada no Hyogo Prefectural Museum of Art, no Japão, com curadoria de Koichi Kawasaki e Tadashi Kobayashi, e produção de Regina Pinho e Deborah Gentil. A mostra no museu criado por Tadao Ando, em Kobe, ocupa uma ala inteira da instituição. Ao voltar do Japão contrai uma infecção nos olhos que interrompe seu trabalho por cerca de 1 ano e no final de 2009 faz sua primeira individual no Rio de Janeiro, na galeria [Largo das Artes](#), com produção de Regina Pinho e reunindo trabalhos essenciais de sua

produção nos anos anteriores. Nessa mostra, junto com Josely, realizam [um primeiro trabalho poético-visual](#) baseado no ciclo de poemas de Roça Barroca. Em 2011 é agraciado com um grant da Pollock-Krasner Foundation, de Nova York.

2010-presente: Segundo ciclo artístico

A partir de 2010 passa a fazer parte do núcleo de artistas da Galeria Bolsa de Arte, e inicia um novo ciclo de trabalhos, com a fase mais dinâmica e experimental de seu desenho. Realiza individuais em [2013](#), na sede da Galeria Bolsa de Arte em Porto Alegre e em [2016](#), na de São Paulo, onde apresenta as séries dos [Grandes polípticos](#), dos [Mares do Levante](#) e das [Variações von Martius](#), um acervo que marca o cume do ciclo mais experimental de seu trabalho.

A paisagem como linguagem de construção cultural para as Américas

A representação da paisagem, ao considerar a natureza, pode produzir sugestões plásticas que mesclam tempos diversos, história extensa, memória afetiva e diversidade de espaços. Com isso, permite formalizações dos ideais mais substantivos das vanguardas latino-americanas da modernidade, entre elas as do discurso antropofágico do modernismo brasileiro, e, principalmente, dos conceitos tanto de *contraconquista* quanto o das *eras imaginárias* do programa poético do cubano Lezama Lima. É assim que natureza comanda todas as correlações culturais presentes no trabalho do artista, expressas pela observação direta, pela experiência psicogeográfica de deriva por locais que se deixam descobrir ao longo dos caminhos, e que então lhe sugerem, concretamente, a convivência de diversas referências culturais, a possibilidade de uma civilização mais plástica e de uma cultura do êxtase, da beleza e da inclusão.

“Desenvolvendo seu trabalho num estilo clássico, expresso não somente na figuração mas também no desenho virtuoso, Faria viaja com ágil erudição entre diferentes soluções e formas de abordar a Natureza, retorcendo, combinando e desconstruindo essas soluções.” (Agnaldo Farias, em carta à Pollock-Krasner Foundation)

Em 2016 passa a residir no Chile para desenhar a Araucania, num projeto em que imagina a integração da paisagem continental da América Meridional, que inclui os primeiros desenhos da série das [Quimeras araucanas](#). Vivendo e trabalhando em Santiago com a fotógrafa chilena Paula Molina Echegoyen, começa a produzir o ambicioso projeto das [Dryades](#), com o auxílio de produção do *dealer* e arquiteto Marcos Bertoldi: uma retomada dos motivos da mata atlântica, do início de sua carreira, agora numa suma estética de seu trabalho em desenhos de grandes dimensões, associando recursos técnicos e experimentais em trabalhos de grande riqueza de detalhes e que dão uma nova dimensão a seu projeto de construção de uma linguagem e de um significado para a paisagem das Américas.

Obras suas estão em acervos permanentes de instituições públicas e privadas do Brasil e do exterior, entre as quais o Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba / Instituto Nacional de Artes Plásticas, Rio de Janeiro / Coleção Gilberto Chateaubriand, Rio de Janeiro / Fundação Cultural de Curitiba (Paraná, Brasil) / Prefeitura Municipal de Curitiba / Casa José Lezama Lima, Havana, Cuba / Deutsche Bank Collection / Bayer International Collection, Pittsburgh, USA, entre outras.

Atividade

Agora é sua vez!!!

Após estudar um pouco sobre artistas que desenham com lápis grafite, use sua criatividade e faça um também, capriche, pois, faremos a exposição nos corredores da escola!

E.M. Professor Sebastião Vayego de Carvalho

Av. Ver. Rubens Mazieiro, 100 – Ouro Fino Paulista – CEP: 09442-700

Fone: (11) 4822-3137 / 4827-0948

E-mail: emvayego@hotmail.com

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

SEMANA 32

25/10/2021 A 29/10/2021

NOME:	Nº:	SÉRIE: 6º ANO
PROFESSOR(A): MÔNICA SANTOS	CARGA HORÁRIA SEMANAL: 7 AULAS	
ENVIAR PARA: GOOGLE CLASSROOM	DATA DE ENTREGA: 01/11/2021	
OBJETOS DE CONHECIMENTO/CONTEÚDO: ORTOGRAFIA		
HABILIDADE(S): (EF67LP32) Escrever palavras com correção ortográfica, obedecendo as convenções da língua escrita.		
ESTRATÉGIAS E RECURSOS: COMPUTADOR, CELULAR OU TABLET COM ACESSO À INTERNET; CADERNO; CANETA, LÁPIS E BORRACHA.		
ORIENTAÇÕES: COPIE OS ENUNCIADOS (OU IMPRIMA) E RESPONDA NO CADERNO; ENVIE FOTO DA TAREFA CONCLUÍDA PARA A PROFESSORA (CASO RETIRE A ATIVIDADE NA ESCOLA, ENTREGUE-A NO MESMO LOCAL).		
HORÁRIO DE ATENDIMENTO: de segunda a sexta-feira, das 13h00 às 18h20.		

Leia o texto abaixo:

Menina apaixonada oferece
um coração cheio de vento
onde quem quiser pode soprar
três sementes de sonho.



Roseana Murray. *Classificados poéticos*. Belo Horizonte: Miguilim, 1995. p. 18.

- Escolha três palavras-chave dos versos, ou seja, que indiquem as ideias centrais desse trecho do poema.
- Empregue essas palavras-chave para escrever uma frase que explique os versos.
- Preste atenção na relação entre os sons e as letras das palavras.
 - Que som consonantal comum existe em **apaixonada** e **cheio**?
 - Qual é a diferença entre a forma escrita das duas palavras para o mesmo som?
 - Que palavras do poema contêm o mesmo som representado pela letra **c** em **oferece**?
- A que conclusão sobre a grafia dos sons da fala você pode chegar, considerando as respostas do item **c**?
- Cite palavras da mesma família de:
 - apaixonada
 - cheio
- Nas palavras da mesma família, o que se pode observar em relação à grafia?

2. Reescreva as palavras do quadro a seguir usando **ch** ou **x**. Se necessário, consulte o dicionário.

Linha A	en★ada, en★ame, en★ergar
Linha B	amei★a, pei★e, bai★o
Linha C	abaca★i, ★ingu, ca★umba

a) Na linha A:

- I. que letra foi usada nas lacunas?
- II. qual é a sílaba inicial de todas as palavras dessa linha?
- III. que regra se pode formular?

A regra da sílaba inicial **en-** não se aplica a palavras que derivam de outras com **ch**. As palavras **encher** e **enchente**, por exemplo, são escritas com **ch** porque derivam de **cheio**.

b) Na linha B:

- I. que letra foi usada nas lacunas?
- II. essa letra veio depois de qual encontro vocálico: ditongo, tritongo ou hiato?
- III. que regra se pode formular?

c) As palavras da linha **C** têm origem africana ou indígena. Com base nesse dado, formule a regra de uso do **x**.